

LEO TOLSTOI
KHADJI-MURAT

Tradução
Olga Solovova



cavalo de ferro

© **Cavalo de Ferro Editores, 2010**
para a publicação em língua portuguesa

Revisão: Marta Duarte

Paginação: Finepaper

1.^a Edição, Maio de 2010

ISBN: 972-8791-75-5

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,
sugerimos que visite o nosso *site*: **www.cavalodeferro.com**

ÍNDICE

Capítulo I.....	10
Capítulo II.....	19
Capítulo III.....	26
Capítulo IV.....	32
Capítulo V.....	39
Capítulo VI.....	47
Capítulo VII.....	54
Capítulo VIII.....	57
Capítulo IX.....	62
Capítulo X.....	70
Capítulo XI.....	76
Capítulo XII.....	82
Capítulo XIII.....	88
Capítulo XIV.....	95
Capítulo XV.....	100
Capítulo XVI.....	117
Capítulo XVII.....	123
Capítulo XVIII.....	125
Capítulo XIX.....	131
Capítulo XX.....	140
Capítulo XXI.....	148
Capítulo XXII.....	154
Capítulo XXIII.....	159
Capítulo XXIV.....	165
Capítulo XXV.....	171

Eu regressava a casa pelos campos. Era o pino do Verão. Os prados tinham sido gadanhados e o centeio estava prestes a ser ceifado.

A combinação das flores é fascinante nesta altura do ano: trevos vermelhos, brancos e cor-de-rosa, aromáticos e felpudos; margaridas descaradas; malmequeres brancos como leite, com centros de amarelo garrido e o seu odor apodrecido e condimentado; colza amarela com um aroma a mel; campânulas parecidas com túlipas lilases e brancas que se elevam bem alto; ervilhas-de-cheiro rasteiras; apuradas escabiosas amarelas, vermelhas, cor-de-rosa, lilases; tanchagem, com a penugem rosada e o cheiro quase imperceptível; centáurea, azul-escura quando exposta ao sol e durante a juventude, azul-clara e avermelhada ao pôr-do-sol e com o aproximar da velhice; e as delicadas flores de cuscuta, que murcham num instante, com um perfume de amêndoas.

Colhi um grande ramo das diversas flores. Encaminhava-me para casa, quando notei numa berma uma bardana carmesim maravilhosa, em plena flor, daquelas a que chamamos «tártaro» na minha terra, que os ceifeiros tentam evitar com muito cuidado e que, se for gadanhada por descuido, separam do feno para não picarem as mãos. Tive a ideia de arrancar esta bardana e colocá-la no meio do ramo. Desci para a berma e, espantando um zângão peludo aferroado no meio da flor num sono solto e mole, comecei a arrancá-la. Mas não era tarefa nada fácil: não só o caule picava

por todos os lados, mesmo através do lenço em que embrulhei a mão, como era também tão resistente que tive de lutar cerca de cinco minutos, rompendo as suas fibras uma por uma. Quando finalmente o consegui arrancar, o caule estava todo em farrapos e a flor já não parecia tão fresca e bela. Além disso, por ser ordinária e tosca, não combinava com as flores delicadas do ramo. Arrependi-me de ter estragado a flor, que ficava bem onde estava, e deitei-a fora. «Mas que energia e garra», pensei eu ao recordar o esforço que fizera para a arrancar. «Como se defendera tão persistentemente e vendera cara a sua vida.»

O caminho para casa passava pelo barbecho, um campo de terra negra acabado de lavar. Eu subia o monte afastando-me pela via poeirenta de terra negra. O campo lavrado era tão grande que, tanto de ambos os lados do caminho como em frente da subida, não se vislumbrava mais nada além dos sulcos regulares ainda não deformados do barbecho. A lavoura era muito boa, não se vendo em toda a volta uma única planta, nem sequer uma ervinha. Estava tudo preto. «Que criatura tão destruidora e cruel é o homem. Quantos seres vivos, quantas plantas exterminou para sustentar a sua vida», pensei, procurando involuntariamente algo vivo no meio daquele campo morto. Mais adiante, à direita da via, distinguia-se um pequeno arbusto. Quando me aproximei, reconheci nele o tal «tártaro», cuja flor tinha colhido e deitado fora em vão.

O arbusto do «tártaro» tinha três rebentos. Um deles fora arrancado e o que restou sobressaía, assemelhando-se a uma mão desmembrada. Cada um dos outros dois tinha uma flor. Outrora vermelhas, agora as flores estavam pretas. Um caule estava partido e metade dele pendia com a flor suja na extremidade; o outro, ainda que enlameado com terra negra, apontava para cima. Era evidente que todo o

arbusto tinha sido pisado por uma roda e que só depois se reerguera. Embora curvado, o arbusto mantinha-se em pé.

Parecia que uma parte do seu corpo tinha sido arrancada, as tripas reviradas, a mão desmembrada, um olho vazado. Porém, ainda assim, mantém-se de pé e não se entrega ao homem que destruiu todos os seus companheiros em seu redor. «Que energia!», pensei. «O homem venceu tudo, destruiu milhões de ervas, mas esta não capitula».

E então lembrei-me de uma antiga história caucasiana, a uma parte da qual eu tinha assistido, a outra parte tinha ouvido da boca de testemunhas e a outra ainda imaginei. Aqui têm essa história, tal como ganhou forma na minha memória e imaginação.

CAPÍTULO I

Aconteceu no fim do ano de 1851.

Numa tarde fria de Novembro, Khadji-Murat entrava num *aiúl*¹ hostil tchetcheno chamado Makhket, impregnado do cheiro fragrante de *kiziak*².

Mal se apagou o canto tenso do muezim, no ar puro da montanha saturado desse cheiro, ouviram-se nitidamente, por detrás do balido das ovelhas e do mugido das vacas a serem distribuídas pelas *sáclias*³ coladas umas às outras como favos, os sons guturais das vozes dos homens a discutirem e as vozes das mulheres e das crianças vindas da fonte mais abaixo.

O tal Khadji-Murat era famoso pelas suas proezas enquanto naíbe de Chamil⁴, e só saía com a sua insígnia e acompanhado por dez discípulos a galopar à sua volta. Neste momento, porém, agasalhado no *bachlyk*⁵ e na *burca*⁶, que deixava entrever uma espingarda, seguia discretamente a cavalo acompanhado por um único homem, tentando passar despercebido; os seus vivos olhos pretos fixavam atentamente os rostos dos habitantes que vinham ao seu encontro.

1 Aldeia serrana no Cáucaso e aldeia na Ásia Central. (*N. da T.*)

2 Uma mistura de feno com estrume prensado, utilizada como combustível. (*N. da T.*)

3 Casa de serranos do Cáucaso. (*N. da T.*)

4 Sendo imã, Chamil (1798-1871) liderou a resistência aos russos até se render em 1859. (*N. da T.*)

5 Carapuço de lã que se vestia por cima do chapéu, com pontas compridas para atar debaixo do queixo. (*N. da T.*)

6 Espécie de capa de feltro ou de pele, com os ombros quadrados. (*N. da T.*)

Chegando ao centro do *avül*, não seguiu pela rua que ia dar à praça, virando à esquerda, numa ruela estreita. Ao aproximar-se da segunda *sáclia* da esquina parou, olhando em seu redor. Não havia ninguém debaixo do alpendre em frente da *sáclia*, mas no telhado, atrás da chaminé de barro batido, estava deitado um homem coberto com um *tulupe*⁷. Khadji-Murat tocou-lhe ao de leve com o cabo do azorraque e deu um estalido com a língua. Um velho de barrete na cabeça e vestido com um *bechmete*⁸ roto e lustroso levantou-se debaixo do *tulupe*. Os olhos do velho, sem pestanas, estavam avermelhados e lacrimosos e ele pestanejava para os tentar despegar. Khadji-Murat proferiu o habitual *Seliam Aleicum*⁹ e descobriu o rosto.

— *Aleicum seliam* — respondeu o velho, sorrindo com a boca desdentada ao reconhecê-lo e, reerguendo-se nas suas pernas magricelas, pôs-se a tentar acertar com elas nos seus sapatos de tação de madeira, que se encontravam ao pé da chaminé. Depois de se calçar, enfiou as mangas do seu *tulupe* encarquilhado e começou a descer a escada que estava encostada ao telhado. Tanto ao vestir-se como ao descer, o velhote meneava a cabeça no seu pescoço fino, enrugado e moreno, e mascava sem parar com a sua boca desdentada. Chegado ao chão, agarrou com hospitalidade as rédeas e o estribo direito do cavalo de Khadji-Murat. Mas um ágil e forte *muride*¹⁰ saltou rapidamente do seu cavalo e afastou o velho, substituindo-o.

Khadji-Murat desceu do cavalo e, coxeando ligeiramente, encaminhou-se para debaixo do alpendre. Um rapaz de cerca de quinze anos saiu prontamente ao seu encontro e,

7 Casaco de peles semelhante a uma samarra. (*N. da T.*)

8 Espécie de sobretudo, por vezes acolchoado, que não se abotoa. (*N. da T.*)

9 Saudação: *Que haja paz na tua casa!* (*N. da T.*)

10 Discípulo. (*N. da T.*)

surpreendido, fixou nos recém-chegados os seus olhos tão pretos como corintos maduros e brilhantes.

— Vai à mesquita e chama o teu pai — ordenou o velho ao rapaz, e, adiantando-se a Khadji-Murat, abriu-lhe a porta leve e rangente da *sáclia*. Quando aquele entrou, uma mulher de idade, magra e delgada, vestida com uma camisa amarela debaixo do *bechmete* vermelho e calças largas azuis, surgiu vinda de uma porta interior trazendo almofadas.

— A tua visita é portadora de sorte — disse ela, e, debruçando-se, começou a dispor as almofadas junto à parede da entrada para o visitante se sentar.

— Que os teus filhos estejam vivos — respondeu Khadji-Murat, tirando a capa, a espingarda e o sabre e entregado-os ao velhote.

O velho pendurou cuidadosamente a espingarda e o sabre no cabide ao lado das armas do dono, entre dois alguidares grandes que cintilavam na parede bem lisa, caiada e limpa.

Endireitando a sua pistola por trás das costas, Khadji-Murat aproximou-se das almofadas colocadas no chão pela mulher e, agasalhando-se no seu circassiano¹¹, sentou-se nelas. O velho ficou apoiado sobre os calcanhares na sua frente e, fechando os olhos, levantou as mãos com as palmas viradas para cima. Khadji-Murat fez o mesmo. Terminada a oração, ambos passaram as mãos pelos seus rostos, juntando-as na ponta da barba.

— *Ne khabar?*¹² — perguntou Khadji-Murat ao velho.

— *Khabar iok*¹³ — respondeu o velho, olhando com os seus olhos vermelhos inexpressivos não para a cara do seu interlocutor, mas para o seu peito.

11 Peça de roupa masculina, de abas longas, franzida na cintura, com uma série de bolsas individuais para cartuchos no peito. (*N. da T.*)

12 O que há de novo? (*N. da T.*)

13 Nada de novo (*N. da T.*)

— Estou a viver no colmeal e só agora vim visitar o meu filho. Ele é que sabe.

Khadji-Murat compreendeu que o velho não queria falar daquilo que ele precisava de saber e, meneando um pouco a cabeça, desistiu de fazer mais perguntas.

— Não há boas notícias — começou o velho a dizer. — Só há notícias de que todos os coelhos estão a deliberar sobre a maneira de mandar embora as águias. Mas as águias dilaceram ora um, ora outro. Na semana passada, os cães russos queimaram o feno no Michits, que se lhes parta a cara — rouquejou com a voz enraivecida.

Entrou, então, o discípulo, pisando suavemente o chão de terra com os passos largos das suas pernas fortes e, guardando apenas o punhal e a pistola, tirou também a capa, a espingarda e o sabre, e pendurou tudo no mesmo cabide onde já repousavam as armas de Khadji-Murat.

— Quem é? — perguntou o velho, apontando para o homem.

— O meu discípulo. Chama-se Eldar — respondeu Khadji-Murat.

— Está bem — disse o velho e indicou a Eldar um lugar nas almofadas, ao lado do seu mestre.

Eldar sentou-se, cruzando as pernas, e fixou silenciosamente os seus bonitos olhos de carneiro no rosto do velho, que, subitamente loquaz, contava como, na semana anterior, os bravos que apoiavam tinham capturado dois soldados: morto um e mandado o outro a Chamil, que estava em Vedenó¹⁴. Khadji-Murat ouvia desatento, lançando olhares na direcção da porta e pondo-se à escuta do ruído exterior. Ouviram-se passos no alpendre, em frente da *sáclia*, a porta rangeu e entrou Sadó, o dono da casa.

14 Nome de aldeia. (N. da T.)

Sadó era um homem com cerca de quarenta anos, com uma barba curta, o nariz comprido e os olhos tão pretos, mas não tão brilhantes, como os do rapaz de quinze anos, seu filho, que tinha saído para o chamar e que entrou na *sáclia* atrás do pai e se sentou ao pé da porta. Descalçando os tamancos à entrada, puxou a sua velha e surrada *papakha*¹⁵ para trás da cabeça, que há muito tempo não era rapada e estava a ficar coberta de cabelo preto, e imediatamente se acorrou diante de Khadji-Murat.

Tal como o velho, também ele, fechando os olhos, levantou as palmas das mãos para cima, disse uma oração, passou as mãos sobre o rosto e só depois começou a falar. Contou que Chamil dera ordens para deter Khadji-Murat, vivo ou morto, que os seus enviados tinham partido ainda ontem e que o povo tinha medo de lhe desobedecer. Por isso havia que ter cuidado.

— Em minha casa — disse ele —, enquanto eu estiver vivo, ninguém fará nada ao meu amigo. Mas no campo... não sei. Temos de pensar.

Khadji-Murat escutava atentamente e acenava com a cabeça em sinal de aprovação. Assim que Sadó terminou, declarou:

— Muito bem. Agora temos de enviar aos russos um homem com uma carta. Irá o meu *muride*, só que necessita de um guia.

— Vou enviar o meu irmão Bata — disse Sadó. — Chama o Bata — pediu ao filho.

O rapaz ergueu-se de um salto, como se as pernas velozes fossem molas, e saiu apressadamente da *sáclia* agitando os braços. Passados dez minutos voltou com um tchetcheno robusto e muito queimado pelo sol, de pernas curtas, que

15 Chapéu alto de pele. (*N. da T.*)

envergava um circassiano amarelo desfiado, com as mangas esfarrapadas em franja e as meias de cabedal descaídas. Khadji-Murat cumprimentou o recém-chegado e perguntou-lhe de forma lacónica:

— Consegues levar o meu discípulo até aos russos?

— Consigo — começou Bata a falar rápida e alegremente. — Eu consigo tudo. Mais nenhum tchetcheno é capaz de passar. Há quem vá, quem prometa tudo mas nada fará. Mas eu sou capaz.

— Está bem — consentiu Khadji-Murat. — Receberás três moedas pelo teu trabalho — ajuntou, levantando três dedos.

Bata mostrou com um aceno de cabeça que percebera, acrescentando que estava disposto a servi-lo não pelo dinheiro, mas pela honra. Nas montanhas, toda a gente conhecia Khadji-Murat, por causa da maneira como ele derrotara os porcos dos russos.

— Bem — disse este. — A corda é boa se for comprida, tal como a conversa é boa se for curta.

— Está bem, estarei calado — assentiu Bata.

— Conheces uma clareira na floresta onde há duas meadas, que fica situada na curva do Argun em frente às escarpas?

— Conheço.

— Os meus três cavaleiros estão lá à minha espera — comunicou Khadji-Murat.

— Ah! — proferiu Bata, acenando com a cabeça.

— Vais perguntar por Khan-Magoma. Ele sabe o que fazer e o que dizer. Tens de o levar até ao comandante dos russos, Vorontsov, o príncipe. Consegues?

— Levá-lo-ei.

— Levar e trazer de volta. Consegues?

— Consigo.

— Leva-lo, e depois regressas à floresta. Eu também estarei lá.

— Farei tudo isso — prometeu Bata, e, colocando as mãos no peito, saiu.

— Preciso ainda de enviar um homem a Guekhi — disse Khadji-Murat a Sadó, depois de Bata sair. — Em Guekhi tenho de fazer o seguinte — ia ele explicar, agarrando um dos bolsos para cartuchos do circassiano, mas imediatamente baixou o braço e calou-se ao ver entrar duas mulheres na *sáclia*.

Uma delas era a mulher de Sadó, a mesma mulher magra e idosa que tinha trazido as almofadas. A outra era uma rapariga muito nova, que vestia calças largas vermelhas e *bechmete* verde, com uma cortina de moedas de prata a cobrir completamente o seu peito. Na ponta da sua áspera trança preta, não muito comprida, mas grossa, que caía entre os ombros das costas magras, estava pendurado um rublo de prata. Os olhos pretos como corintos, iguais aos do pai e do irmão, brilhavam alegremente no seu rosto jovem que tentava parecer severo. Não olhava para os convidados, mas era evidente que notava a presença deles.

A mulher de Sadó carregava uma mesa redonda e baixa, onde havia chá, *pilguichi*¹⁶, panquecas com manteiga, queijo, *tchurek*¹⁷ e mel. A rapariga trazia uma bacia, um jarro e uma toalha.

Sadó e Khadji-Murat ficaram calados enquanto as mulheres, movendo-se silenciosamente nas suas botas macias vermelhas sem sola, distribuíaam o que tinham trazido na mesa. Quanto a Eldar, permaneceu imóvel durante todo o tempo em que as mulheres estiveram dentro da *sáclia*, fixando os seus olhos de carneiro nas pernas cruzadas. Só quando elas saíram e o som dos seus passos suaves se deixou de ouvir por completo atrás da porta, o discípulo suspirou de alívio. E Khadji-Murat abriu, então, um dos bolsos para cartuchos,

16 Pedacos de massa recheados com carne, tomate, cebola e legumes. (*N. da T.*)

17 Pão finamente desenrolado. (*N. da T.*)

retirou a bala que o enchia e uma nota enrolada que se encontrava debaixo da mesma.

— Dá isto ao meu filho — disse ele mostrando a nota.

— E a resposta é entregue a quem? — perguntou Sadó.

— A ti, e depois dás-ma a mim.

— Assim será feito! — prometeu o dono da casa, e transferiu a carta para o bolso de cartucho do seu circassiano. Depois, pegando no jarro, puxou a bacia na direcção de Khadji-Murat. Este arregaçou as mangas do *bechmete*, deixando entrever os seus braços musculados, brancos acima dos pulsos, e pô-los debaixo do fio de água fria e límpida que Sadó vertia do jarro. Ao secar as mãos na toalha limpa e áspera, Khadji-Murat aproximou-se da comida. Eldar fez o mesmo. Enquanto os convidados comiam, Sadó ficou sentado diante deles e agradeceu-lhes várias vezes a sua visita. Sentado ao pé da porta, o rapaz, não despregando os seus olhos pretos cintilantes de Khadji-Murat, sorria, como se o seu sorriso confirmasse as palavras do pai.

Apesar de Khadji-Murat estar em jejum há mais de vinte e quatro horas, acabou por mordiscar apenas um pouco de pão e queijo, e, sacando de uma faca pequena que se encontrava debaixo do seu punhal, serviu-se de um pouco de mel e barrou o pão com este.

— O nosso mel é muito bom. Este ano a produção é melhor do que nos anos anteriores: temos muito e é de muito boa qualidade — disse o velho, aparentemente contente por Khadji-Murat ter provado o seu mel.

— Obrigado — agradeceu aquele, e afastou-se da comida.

Eldar ainda quis comer mais, mas, assim como o seu mestre, afastou-se da mesa e deu a Khadji-Murat a bacia e o jarro.

Sadó sabia que, ao ajudar Khadji-Murat, estava a arriscar a sua vida, porque, depois da briga daquele com Chamil,

todos os habitantes da Tchetchénia tinham ordens para não o albergar, sob pena de morte. A qualquer momento, os habitantes da aldeia poderiam descobrir a presença dele em sua casa e exigir a sua entrega. Mas isso não o perturbava, antes o alegrava. Este julgava ser seu dever defender o seu convidado, o seu amigo, embora lhe custasse a vida, e estava satisfeito consigo próprio, orgulhando-se de agir correctamente.

— Enquanto estiveres em minha casa e eu tiver a minha cabeça sobre os ombros, ninguém te fará nada — repetiu a Khadji-Murat.

Este olhou atentamente os seus olhos brilhantes e, apercebendo-se de que era verdade, disse com um ar um pouco solene:

— Que tenhas alegria e vida!

Sadó levou silenciosamente a mão ao peito, em sinal de gratidão pelas suas boas palavras.

Depois de fechar as portadas das janelas da *sácia* e acender os galhos na lareira, excitado e cheio de alegria, deixou a sala dos convidados e entrou na divisão onde dormia toda a sua família. As mulheres ainda não tinham adormecido, conversando acerca dos perigosos convidados que pernoitavam no quarto das visitas.

CAPÍTULO II

Nessa mesma noite, a quinze quilómetros da aldeia onde Khadji-Murat dormia, três soldados e um sargento saíram pelas portas Tchakhguirinsky da fortaleza de vanguarda de Vozdvizhenskaya. Vestiam peliças curtas e *papakhas*¹⁸, levando os capotes enrolados a tiracolo, e calçavam botas altas, acima do joelho, exactamente como era costume os soldados do Cáucaso andarem naquela altura. Com as espingardas aos ombros, caminharam primeiro pela estrada e depois de percorridos uns quinhentos passos, desviaram-se dela e andaram ainda mais vinte passos à direita, pisando com as botas as folhas secas. Pararam ao pé de um plátano quebrado, cujo tronco preto se distinguia claramente na escuridão. Era para junto deste plátano que normalmente se enviavam os soldados do posto avançado de observação.

As estrelas luminosas que, enquanto os homens caminhavam pela floresta, pareciam correr sobre os cumes das árvores, imobilizavam-se agora, brilhando vivamente entre os ramos despidos.

— Pelo menos está seco — disse o sargento Panov, tirando do ombro a espingarda comprida com baioneta e encostando-a com um tilintar ao tronco da árvore. Os três soldados fizeram o mesmo.

18 Chapéu alto de lã de ovelha (N. da T.)

— Bem me parecia, perdi-o — resmungou Panov, irritado. — Ou me tinha esquecido dele, ou o tinha deixado cair pelo caminho.

— Estás à procura de quê? — perguntou um dos soldados com uma voz viva e alegre.

— Do cachimbo, sabe-se lá onde foi parar!

— Ainda tens a boquilha? — perguntou a voz animada.

— A boquilha está aqui.

— E se a colocares direita na terra?

— Mas como...

— Resolve-se depressa.

No posto avançado de observação era proibido fumar. Só que aquele não era propriamente um posto avançado de observação, mas sim um posto de guarda, que servia para evitar que os montanhese trouxessem um canhão despercebido e disparassem contra as fortificações, como faziam antes. E Panov não considerava necessário privar-se de fumar, concordando por isso com a proposta do soldado alegre. Este último tirou uma faca pequena do bolso e começou a escavar a terra. Depois de fazer uma cova, alisou-a, ajustou lá a boquilha, colocou algum tabaco dentro dela, apertou-o, e assim o cachimbo ficou pronto. O enxofre do fósforo acendeu-se, iluminando por um instante o rosto de maçãs salientes do soldado deitado de barriga para baixo. Algo começou a sibilar dentro da boquilha e Panov sentiu o cheiro agradável de tabaco a arder.

— Está a dar? — perguntou, levantando-se.

— Sim, senhor!

— Bom homem, Avdéiev! Esperto como um danado. E então?

Avdéiev rolou para o lado, cedendo o seu lugar a Panov e soltando da sua boca uma baforada de fumo.

Tendo fumado à vontade, os soldados começaram a puxar conversa.

— Dizem que o comandante da companhia meteu outra vez a mão na caixa. Sabem, tinha perdido às cartas — comentou um dos soldados numa voz indolente.

— Devolvê-lo-á — disse Panov.

— Claro, é bom oficial — confirmou Avdéiev.

— É bom, é bom — continuou sombriamente aquele que tinha iniciado a conversa —, mas na minha opinião a companhia terá de falar com ele: «Se levaste, então diz quanto e quando pagarás».

— Será como a companhia decidir — afirmou Panov, despregando-se do cachimbo.

— Está claro, a comunidade é o chefe — confirmou Avdéiev.

— Sabem, temos de comprar aveia e arranjar as botas para a Primavera, e precisamos de dinheiro. Mas como ele o levou... — insistiu o descontente.

— Estou a dizer que será como a companhia quiser — repetiu Panov. — Já não é a primeira vez: ele tirou-o e pagá-lo-á novamente.

Naqueles tempos, no Cáucaso, cada companhia geria as suas próprias contas com a ajuda dos seus delegados. Recebia da tesouraria seis rublos e cinquenta copeques por cada homem e sustentava-se a si mesma: plantava couves, ceifava o feno, mantinha as suas carroças e ostentava os seus cavalos bem alimentados. O dinheiro da companhia era guardado numa caixa, cujas chaves ficavam na posse do comandante, e, muitas vezes, este levava dali dinheiro emprestado. Era o que tinha acontecido agora, e disso falavam os soldados. Nikitin, o soldado sombrio, queria exigir um relatório do comandante, enquanto Panov e Avdéiev não o consideravam necessário.

Depois de Panov, também Nikitin fumou e, estendendo o seu capote, sentou-se em cima dele, encostando-se à árvore.

Os soldados ficaram calados. Apenas se ouvia o vento, longe, acima das suas cabeças, que fazia tremer os cumes das árvores. De repente, por detrás deste murmúrio baixo e incessante, ouviram-se um uivo, ganidos, choros e gargalhadas de chacais.

— Vês como os malditos se desfazem — declarou Avdéiev.

— Estão a rir-se de ti, tens o focinho torto — disse a voz fina do ucraniano, o quarto soldado.

Caiu tudo novamente em silêncio, apenas o vento movia os ramos das árvores, ora descortinando ora escondendo as estrelas.

— Pois então, Antonitch — perguntou subitamente o alegre Avdéiev a Panov —, alguma vez te sentes miserável?

— Que queres dizer com miserável? — retorquiu Panov constrangido.

— Quanto a mim, às vezes sinto-me tão miserável, tão miserável que nem sei o que fazer comigo próprio.

— Que coisa! — exclamou Panov.

— Gastei o dinheiro todo em bebedeiras por causa desta angústia. Tomou conta de mim. Pensei: vou afundar-me em vinho.

— Mas às vezes, com o vinho, é ainda pior.

— Pois acontece. Mas que se há-de fazer?

— Porque é que ficas angustiado?

— Eu? Tenho saudades de casa.

— E então, eram ricos?

— Não éramos assim tão ricos, mas vivíamos razoavelmente. Dávamo-nos bem.

E, então, Avdéiev começou a contar aquilo que já tinha relatado mil vezes ao mesmo Panov.

— Pois voluntariei-me em vez do meu irmão — dizia.

— Ele já tinha cinco filhos, ao passo que eu acabara de me casar. A minha mãe pediu-me esse favor. Pensei, o que é que me custa! Talvez guardem uma boa recordação de

mim. Fui falar com o patrão. Era um bom homem e disse-me: «Bom rapaz! Vai!» E assim vim eu em vez do meu irmão.

— Pois fizeste bem — afirmou Panov.

— Mas agora, Antonitch, sinto-me miserável, percebes? E mais ainda quando me ponho a pensar: «Porque vim eu em vez do meu irmão? Agora manda ele e aqui estás tu a sofrer». Quanto mais penso nisto, pior. Aparentemente, é o meu pecado.

Avdéiev calou-se.

— E se fumássemos outra vez? — perguntou.

— Porque não, vamos lá fixar isso!

Contudo, os soldados não tiveram tempo de fumar. Mal Avdéiev se levantara para fixar outra vez o cachimbo, uns passos começaram a ressoar pela estrada, por detrás do murmúrio do vento. Panov pegou na sua arma e empurrou levemente Nikitin com o pé. Este levantou-se e apanhou o capote. O terceiro, Bondarenko, pôs-se também de pé.

— Oh, camaradas, que sonho estava a ter...

Avdéiev ordenou a Bondarenko que se calasse e os soldados pararam, apurando os ouvidos. Aproximavam-se passos suaves de pessoas calçadas, mas não com botas, e ouvia-se cada vez mais nitidamente o estalido de ramos secos e folhas na escuridão. A seguir soou o ruído de vozes que falavam aquela língua peculiar e gutural dos tchetchenos. Agora os soldados não só conseguiam ouvir, como também podiam ver as duas sombras que atravessavam uma clareira entre as árvores. Uma sombra era mais baixa do que a outra. Quando chegaram ao pé dos soldados, Panov, com a espingarda em riste e acompanhado por dois dos seus homens, apareceu na estrada.

— Quem vem lá? — gritou ele.

— Tchetcheno pacífico — respondeu o mais baixo. Era Bata. — Não arma, não sabre — dizia, apontando para si próprio. — Preciso Pe-ríncipe.

O mais alto estava parado, em silêncio, ao pé do companheiro. Também não vinha armado.

— É um emissário. Temos de o levar até ao coronel — comunicou Panov aos seus companheiros.

— Preciso Pe-ríncipe Vorontsov muito, preciso coisa importante — afirmava Bata.

— Está bem, está bem, levar-te-emos — replicou Panov. — Leva-o então tu e o Bondarenko — acrescentou, dirigindo-se a Avdéiev. — Depois de o entregares ao oficial de serviço, regressas novamente. Vê se tens cuidado — advertiu ainda —, manda-os andar à tua frente. Estes cabeças rapadas são uns espertalhões.

— E para que serve, então, isto? — perguntou Avdéiev, fazendo um movimento com a espingarda e a baioneta como se estivesse a dar um golpe. — Uma facada e lá se foi!

— Para que servirá se o espetares? — indagou Bondarenko. — Anda, à frente, marchar!

Quando os passos dos dois soldados que acompanhavam os exploradores deixaram de se ouvir, Panov e Nikitin voltaram para o seu lugar.

— Que diabos os trarão cá, à noite! — exclamou Nikitin.

— Se calhar tinha de ser — redarguiu Panov. — Está mais fresquinho — acrescentou e, desenrolando o capote, vestiu-se e sentou-se junto da árvore.

Passadas duas horas, Avdéiev e Bondarenko regressaram.

— Então, entregaram-nos? — perguntou Panov.

— Entregámos. O pessoal do coronel ainda não estava a dormir. Levámo-los directamente até ele. Mas que bons homens são aqueles cabeças rapadas — continuou Avdéiev. — Palavra! Pus-me a conversar com eles.

— Pois é, sabemos perfeitamente que tu adoras conversar — disse o descontente Nikitin.

— Palavra, são iguais aos russos. Um deles era casado. *Marushka*, disse eu, *bar?* — *Bar*, respondeu. — *Baranchuk*, perguntei ainda, *bar?* — *Bar*. — Muitos? — Dois. — Tivemos uma boa conversa. Bons homens.

— Pois claro, são bons — afirmou Nikitin. — Se ele te encontrasse sozinho, deixar-te-ia com as tripas de fora.

— Basta, daqui a nada amanhece — interrompeu Panov.

— Pois, as estrelinhas já se começaram a apagar — constatou Avdéiev, sentando-se.

E assim os soldados ficaram novamente em silêncio.

CAPÍTULO III

Nas janelas das casernas e nas cabanas dos soldados já estava escuro, mas numa das melhores casas da fortaleza todas as janelas estavam ainda iluminadas. Esta casa era ocupada pelo comandante do regimento de Kurinsky, filho do comandante-chefe, o ajudante-de-campo príncipe Semion Mikhailovitch Vorontsov. Vorontsov residia naquela habitação com a sua mulher, Maria Vassílievna, a famosa beldade de São Petersburgo, e vivia nesta pequena fortaleza do Cáucaso com um luxo que ninguém ali tinha conhecido antes. A vida naquele local parecia a Vorontsov, e especialmente à sua mulher, não apenas modesta mas também cheia de privações, enquanto os habitantes locais se surpreendiam com tão extraordinária sumptuosidade.

Era meia-noite, e na grande sala de estar, cujos pesados reposteiros estavam descidos e cujo tapete ocupava toda a divisão, os anfitriões encontravam-se sentados à mesa de jogo com os seus convidados e jogavam às cartas à luz de quatro velas. Um dos jogadores era o próprio dono da casa, o louro coronel Vorontsov, de cara alongada e exibindo as suas agulhetas e monogramas de ajudante-de-campo; o seu parceiro era um jovem desgrenhado de ar carrancudo, estudante na Universidade de São Petersburgo, o professor recentemente convidado pela princesa Vorontsova para ensinar o seu pequeno filho, fruto do seu primeiro casamento. Dois oficiais jogavam contra eles: um era Poltoratski, o comandante da companhia que se tinha transferido da guarda, de cara

larga e corada, e o outro era o ajudante de regimento, que tinha uma postura muito recta e uma expressão de frieza no seu belo rosto. A própria princesa Maria Vassílievna, uma beleza majestosa de olhos grandes e sobrancelhas negras, estava sentada ao lado de Poltoratski, tocando nas pernas dele com a sua crinolina e espreitando as suas cartas. Nas suas palavras, nos seus olhares, no seu sorriso, em todos os movimentos do seu corpo e no perfume que usava, havia algo que fazia Poltoratski esquecer tudo menos aquela proximidade e, por isso, cometia sucessivos erros, irritando cada vez mais o seu parceiro.

— Não, é impossível! Desperdiçaste o ás outra vez! — exclamou por entre dentes o ajudante, todo vermelho, quando Poltoratski deitou fora um ás.

Como se tivesse acordado, este olhava sem compreender para o descontente ajudante com os seus olhos pretos e bondosos, muito afastados.

— Então, desculpe-o! — pediu Maria Vassílievna a sorrir. — Está a ver, eu bem o avisei — disse, voltando-se para Poltoratski.

— Mas não me estava a dizer nada disso — respondeu, sorrindo, o comandante da companhia.

— Ai, sim? — replicou ela e também sorriu. E este sorriso como resposta perturbou e emocionou Poltoratski de tal maneira que ele corou profundamente e, agarrando as cartas, pôs-se a baralhá-las.

— Não é a tua vez de baralhar — advertiu-o o ajudante com severidade, e começou a distribuir as cartas com a sua mão branca, onde se via um anel, como se quisesse livrar-se delas. O camareiro do príncipe entrou na sala e anunciou que o oficial de serviço lhe queria falar.

— Desculpem-me, meus senhores — disse Vorontsov em russo, mas com um sotaque inglês. — Joga na minha vez, Maria.

— Concordam? — perguntou a princesa, levantando-se rápida e facilmente para revelar toda a sua elevada estatura, fazendo frufu com a seda do vestido e exibindo o seu sorriso brilhante de mulher feliz.

— Concordo sempre com tudo — respondeu o ajudante, muito contente por ter como adversária a princesa, que não percebia nada do jogo. Quanto a Poltoratski, apenas estendeu os braços, sorrindo.

A jogada já estava a acabar quando o príncipe regressou à sala de estar. Apareceu especialmente alegre e agitado.

— Sabem o que quero propor?

— Sim?

— Vamos beber champanhe!

— Estou sempre pronto para isso! — concordou Poltoratski.

— Bem, é muito agradável — opinou o ajudante.

— Vassíli! Sirva — disse o príncipe.

— Porque te chamaram? — perguntou Maria Vassílievna.

— Era o oficial de serviço e mais um homem.

— Quem? O que foi? — insistiu apressadamente Maria Vassílievna.

— Não posso dizer — respondeu Vorontsov encolhendo os ombros.

— Não podes dizer — repetiu Maria Vassílievna. — Logo veremos.

O champanhe foi servido. Os convidados beberam um copo e, tendo terminado o jogo e acertado as contas, começaram a despedir-se.

— É a sua companhia que irá para a floresta amanhã? — perguntou o príncipe a Poltoratski.

— É a minha. Porquê?

— Ver-nos-emos amanhã — respondeu o primeiro sorrindo levemente.

— Com muito gosto — retorquiui Poltoratski sem perceber muito bem de que é que Vorontsov estava a falar, preocupado unicamente com a maneira como iria apertar naquele momento a grande mão branca de Maria Vassílievna.

Esta última, como sempre, não só apertou com firmeza como também sacudiu fortemente a mão do comandante da companhia. E, tendo mencionado mais uma vez o erro que ele cometera quando começou a jogar ouros, ofereceu-lhe um sorriso que pareceu a Poltoratski encantador, carinhoso e expressivo.

Foi para casa naquele estado de espírito exaltado que só podem entender as pessoas que, como ele, tinham sido criadas e educadas na alta sociedade, e quando, após vários meses dedicado a uma solitária vida militar, encontram novamente uma mulher do seu círculo antigo. E, ainda por cima, uma mulher como a princesa Vorontsova.

Ao aproximar-se da casa que partilhava com um companheiro, empurrou a porta de entrada, mas esta estava fechada. Bateu e ninguém lha abriu. Ficou aflito e começou a bater na porta trancada com o pé e o sabre. Ouviram-se passos atrás da porta e Vavilo, o criado, levantou o gancho da fechadura.

— Onde foste buscar a ideia de trancar a porta? Idiota!

— Mas como é possível, Alexei Vladimir...

— Estás bêbedo outra vez! Vais ver já, como... E Poltoratski quis bater em Vavilo, mas mudou de ideias.

— Ah, vai para o diabo. Acende uma vela.

— Num instante.

Vavilo tinha, de facto, tomado um golinho e bebeu porque estivera no aniversário do quarteleiro Ivan Maqueitch. Tendo regressado a casa, pôs-se a comparar a sua vida com a daquele. Ivan Maqueitch tinha um rendimento, era casado e esperava reformar-se dentro de um ano. Quanto a Vavilo,

tinha sido promovido, ou seja, tinha começado a servir os senhores quando era ainda um rapazito e agora, apesar de ter mais de quarenta anos, ainda não se casara e vivia uma vida de campanha com o seu desorganizado dono. Este último era bom, não lhe batia muito, mas que vida era essa! «Prometeu dar-me liberdade quando voltarmos do Cáucaso. Mas para onde irei com a minha liberdade? Oh, vida de cão!», pensava ele. E começou a sentir-se tão cheio de sono que, tendo medo que alguém pudesse entrar e levar alguma coisa, baixou o gancho da porta e adormeceu.

Poltoratski entrou no quarto que partilhava com o seu camarada Tikhonov.

— Então, perdeste? — perguntou, acordado, Tikhonov.

— Nada disso, ganhei dezassete rublos e ainda bebemos uma garrafa de «Clicquot».

— E estiveste a olhar para Maria Vassílievna?

— E estive a olhar para Maria Vassílievna — repetiu Poltoratski.

— Logo chegará a hora de levantar — disse Tikhonov —, e às seis temos de nos pôr em marcha.

— Vavilo — gritou Poltoratski. — Vê se me acordas amanhã às cinco.

— Como hei-de acordá-lo se me bate?

— Estou a ordenar-te que me acordes. Ouviste?

— Às suas ordens.

O criado saiu do quarto, levando as botas e a roupa.

Poltoratski foi para a cama e, sorrindo, acendeu um cigarro e apagou a vela. Na escuridão viu diante de si o rosto sorridente de Maria Vassílievna.

Na casa de Vorontsov também não foram logo dormir. Depois de os convidados saírem, Maria Vassílievna aproximou-se do marido e, parando diante dele, perguntou, muito séria:

— *Eh bien, vous allez me dire ce que c'est?*

— *Mais, ma chère...*

— *Pas de «ma chère»! C'est un emissaire, n'est-ce pas?*

— *Quand même je ne puis pas vous le dire.*

— *Vous ne pouvez pas? Alors c'est moi qui vais vous le dire!*

— *Vous?*¹⁹

— É Khadji-Murat, não é? — perguntou a princesa, pois há já vários dias que ouvia falar de negociações com ele, o que a levou a pensar que o próprio Khadji-Murat tivesse visitado o seu marido.

Vorontsov não conseguiu negar, mas desapontou a mulher dizendo que não tinha sido o próprio mas um emissário a anunciar que no dia seguinte aquele iria ao seu encontro no lugar onde estava previsto começar a desbastar o mato.

Como levava uma vida monótona na fortaleza, o jovem casal Vorontsov — tanto o marido como a mulher — ficou muito contente com aquele facto. Tendo conversado acerca do prazer que aquela notícia iria dar ao seu pai, só se foram deitar depois das duas da manhã.

19 Em francês no original: — *Bem, vai dizer-me agora de que se trata?* — *Mas, minha querida... — Nada de «minha querida»! É um emissário, não é?* — *Mesmo assim não lhe posso dizer. — Não pode? Então dir-lhe-ei eu!* — *Você?* (N. da T.)

CAPÍTULO IV

Após três noites em claro tentando fugir dos discípulos de Chamil, enviados para o perseguir e capturar, Khadji-Murat adormeceu no mesmo instante em que Sadó saiu da *sácia*, tendo-lhe desejado uma boa-noite. Dormia sem se despir, apoiando-se no braço cujo cotovelo se afogava nas almofadas vermelhas de penas, oferecidas pelo dono da casa. A escassa distância dele, junto à parede, dormia Eldar. Deitado de costas, estendera largamente os seus membros fortes e jovens, de tal maneira que o peito saliente, com os bolsos pretos para cartuchos do circassiano branco, se elevava mais alto do que a sua cabeça azul, recentemente rapada, que pendia da almofada. O seu lábio superior, levemente coberto de penugem, sobressaía como o de uma criança, ora se comprimindo ora se soltando, como se estivesse a sorver alguma coisa. Tal como Khadji-Murat, Eldar dormia vestido, com a pistola atrás do cinto e com o seu punhal. Na lareira da *sácia* ardia alguma lenha, e no fogão, a luz luzia durante a noite.

A meio da noite, a porta do quarto dos convidados rangeu e Khadji-Murat levantou-se imediatamente e agarrou a pistola. Sadó, pisando suavemente o chão de terra batida, entrou no quarto.

— O que queres? — perguntou Khadji-Murat, tão desperto como se não tivesse adormecido.

— Precisamos de pensar — respondeu Sadó, acorrendo-se diante de Khadji-Murat. — Uma mulher viu-te chegar

a cavalo do seu telhado e contou ao marido, e agora o *aúl* inteiro sabe. Uma vizinha acabou de vir ter com a minha mulher e disse-lhe que os velhos se tinham juntado ao pé da mesquita e querem deter-te.

— Temos de partir — anunciou Khadji-Murat.

— Os cavalos estão preparados — informou Sadó e deixou rapidamente a *sáclia*.

— Eldar — sussurrou Khadji-Murat e aquele, ao ouvir o seu nome, e, sobretudo, a voz do seu mestre, levantou-se de um salto, impulsionado pelas suas pernas fortes, endireitando a sua *papakha*. Khadji-Murat colocou as suas armas e a capa. O discípulo fez o mesmo. E, então, saíram ambos da *sáclia*, aguardando debaixo do alpendre. O rapaz de olhos negros conduziu os cavalos até eles. Ouvindo o barulho de cascos de cavalos na estrada batida, uma cabeça espreitou pela porta da *sáclia* contígua, e, batendo com os tamancos, um homem correu até à mesquita.

Não havia lua, mas as estrelas iluminavam o céu negro com a sua luz forte, e na escuridão vislumbravam-se os contornos dos telhados das *sáclias*, destacando-se o edifício da mesquita com o minarete na parte superior da aldeia. Da mesquita chegavam vozes.

Pegando rapidamente na sua espingarda, Khadji-Murat pôs o pé no estribo apertado e, trasladando o seu corpo silenciosa e imperceptivelmente, montou, sem ruído, a almofada alta da sela.

— Que Deus vos recompense! — disse ele para o seu hospedeiro, procurando com o movimento habitual da perna direita o outro estribo e tocando levemente com o azorrague no rapaz que segurava o cavalo, para pedir que o deixasse passar. Este cedeu passagem e o cavalo, como se soubesse o que devia fazer, pôs-se em marcha num passo vigoroso, saindo do beco para a via principal. Eldar seguia-o; Sadó, vestindo um

casaco de peles e agitando os braços velozmente, quase corria atrás deles, passando ora para um lado ora para o outro da rua estreita. Junto à saída, no outro lado da via, apareceram, avançando, primeiro uma sombra, depois outra.

— Alto! Quem vem lá? Pare aí! — gritou uma voz, e algumas pessoas barraram-lhes o caminho.

Em vez de parar, Khadji-Murat sacou a pistola por detrás do cinto e, aumentando a velocidade, dirigiu o seu cavalo para as pessoas que lhe estavam a obstruir o caminho. Estas deixaram-no passar e, sem olhar para trás, ele começou a descer o caminho a bom esquipado²⁰. Eldar seguiu-o a trote. Atrás deles ouviram-se dois disparos, dois silvos de balas que não atingiram nem um nem outro. Khadji-Murat prosseguiu a marcha no mesmo passo. Tendo percorrido cerca de trezentos passos, fez parar o seu cavalo um pouco ofegante e pôs-se à escuta. Adiante, em baixo, ouvia-se o ruído da veloz torrente de água. Ao fundo, o cantar de um galo respondia a outro na aldeia. Por detrás destes sons, cada vez mais perto, chegava o som do tropear dos cavalos e o ruído das vozes na retaguarda de Khadji-Murat, que pôs o cavalo em andamento e continuou a avançar no mesmo passo regular.

Os que o perseguiram, avançavam a galope e em pouco tempo alcançaram-no. Eram cerca de vinte cavaleiros habitantes do *aúl*, os quais tinham decidido deter Khadji-Murat ou, pelo menos, fazer de conta que o tencionavam deter para se desculparem perante Chamil. Quando se aproximaram de tal maneira que já se distinguiram na escuridão, Khadji-Murat parou, afrouxando as rédeas e, desabotoando a bainha da sua espingarda com o movimento habitual da mão esquerda, retirou-a com a mão direita. Eldar procedeu de igual modo.

20 Andadura do cavalo, em que o animal levanta simultaneamente as patas dianteira e traseira do mesmo lado. (*N. da T.*)

— O que querem? — gritou. — Querem prender-me? Tomem, então! — E levantou a espingarda. Os habitantes do *aúl* pararam.

Segurando a espingarda na mão, Khadji-Murat começou a descer para o vale. Os cavaleiros seguiram-no, sem se aproximarem muito. Tendo atravessado o vale, os que continuavam a segui-lo gritaram para que escutasse o que tinham para lhe dizer. Em resposta, Khadji-Murat disparou a espingarda e pôs o seu cavalo a galope. Quando parou, a perseguição já não se ouvia, nem os galos, apenas o murmúrio da água na floresta e, de vez em quando, o choro do mocho que se tornava cada vez mais perceptível. A muralha negra da floresta já estava muito perto. Era aí que os seus discípulos o aguardavam. Khadji-Murat parou ao chegar diante dela e, enchendo os seus pulmões de ar, assobiou e depois calou-se, apurando o ouvido. Passado um minuto, o mesmo assobio veio da floresta. Khadji-Murat desviou-se do caminho e dirigiu-se para lá. Depois de ter percorrido cerca de cem passos, viu através dos troncos das árvores uma fogueira, as sombras dos homens sentados ao pé do fogo e um cavalo selado e travado, meio iluminado pelas chamas.

Um dos homens que se encontrava sentado à volta da fogueira pôs-se rapidamente de pé e aproximou-se de Khadji-Murat, agarrando uma rédea e um estribo. Era Khanefi, um ávaro²¹, o seu irmão jurado que tomava conta da sua propriedade.

— Apaguem o lume — ordenou Khadji-Murat, descendo do cavalo.

Os homens puseram-se a espalhar a fogueira e a espezinhar os ramos ardentes.

21 Representante de uma das nacionalidades mais numerosas do Cáucaso, nomeadamente do Dagestão. (*N. da T.*)